

Cláudio Lacerda

04 JUL 1986

PMDB esquece JORNAL DE BRASÍLIA a Constituinte

GERAL

Durante quase todo o período do regime militar, a oposição consentida, primeiro o MDB e depois o PMDB, preparou-se para convencer a opinião pública de que estava na convocação da Assembleia Nacional Constituinte a saída para todos os males do país.

O regime autoritário enfrentava a campanha oposicionista denunciando-a como demagógica e era comum ver que alguns dos mais capazes porta-vozes daquele período, como o coronel Jarbas Passarinho, por exemplo, virem a público para ironizar a campanha da Constituinte que seria, segundo eles, uma "simples panaceia".

Mas apesar das resistências do grupo que estava no poder, a campanha pela Constituinte foi crescendo e nem mesmo a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral e a derrubada do que se chamava "Velha República" foi capaz de impedir o crescimento da ideia de que estava na elaboração de uma nova carta a solução para a estabilidade democrática do País.

Tanto assim que o governo Sarney, ao enviar para o Congresso a mensagem convocando a Constituinte, sentiu-se, e aliás justamente, como se estivesse pagando a mais cara e dignificante promessa e o mais importante dos compromissos públicos assumidos pela Nova República para com o País.

No entanto o PMDB, principalmente a sua corrente que hoje tem a ousadia — e não há porque usar outro termo — de intitular-se de esquerdista e progressista, resolve esquecer todos os compromissos assumidos com a opinião pública e deixar a Assembleia Nacional Constituinte em segundo plano.

Sendo assim, não é por acaso como os dois políticos do PMDB mais publicamente comprometidos com o que julgam ser "propostas esquerdistas", abandona todos os compromissos previamente assumidos e, deixando a Constituinte de lado, passam apenas a tratar de suas ambições pessoais. Isto é, de suas eleições aos governos de seus respectivos estados.

Miguel Arraes, por exemplo, durante muito anos apontado pela direita mais radical como um "fantasma" da esquerdização do país, deixa de lado todos os seus compromissos com a Constituinte e, apenas para chegar ao governo de Pernambuco, oferece a dois malufistas de primeira ordem as vagas para o Senado em sua chapa.

Na Bahia a história é diferente. O ex-ministro Waldir Pires, outro dos teóricos da esquerda brasileira, às custas de realizar o sonho de chegar ao Governo Estadual, faz incríveis alianças e não se vexe em entregar uma das vagas ao Senado ao atual biônico do Estado.

Os exemplos de Arraes e Waldir Pires são os mais marcantes devido as conhecidas posições ideológicas dos dois. Mas não são os únicos. Em todo o Brasil, políticos que deveriam estar comprometidos com a nova Constituição estão abrindo mão de tudo pela honra de chegar aos seus governos.

E assim, como num passe de mágica, numa demonstração evidente de que os homens públicos não estão preparados para o Brasil do futuro, todos estão entregando a chance de lutar pela Constituinte em troca da realização de suas ambições pessoais.

Mais importante do que a elaboração de uma Constituição capaz de durar anos e de representar os anseios da opinião pública, tem sido a eleição de governadores que vão passar quatro anos à frente de seus governos e depois desapareceram do cenário nacional.

Pobre deste país, que sonhou um dia, em ter uma Constituição moderna e, sobretudo, representativa, mas que vai ver no Congresso Nacional políticos da velha época, malufistas arrependidos, que agora vão votar a carta que vai reger os destinos do Brasil porque o PMDB esqueceu-se da promessa e quer apenas firmar-se no poder. (A.E)